

A relevância do movimento Art Hoe para o cenário da moda contemporânea

The relevance of the Art Hoe movement to the contemporary fashion scene

<https://doi.org/10.51359/2763-7425.2022.253844>

Lorena Costa Zuzart

Graduanda, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, Brasil
contatolorenazuzart@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2008-9634>

Maíra Welma da Silva

Graduanda, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, Brasil
mairawelma15@live.com
<https://orcid.org/0000-0002-6560-9007>

RESUMO

O presente artigo busca expor a origem e o impacto do coletivo Art Hoe sob um olhar sociocultural que perpassa por estudos raciais, desde a posição ocupada pelas pessoas negras no âmbito da moda, até a usurpação de pessoas brancas em relação aos objetivos do movimento. Por conseguinte, foi realizado ainda, uma análise semiótica de imagens paradas, e para isso foram utilizadas imagens de jovens presentes dentro do movimento, tal como Jam Mars, uma das pessoas responsáveis por sua criação, a fim de compreender os reais sentidos adotados pelo coletivo e seu papel na construção do cenário da moda contemporânea.

Palavras-chave: Art Hoe; Moda; Negritude; Coletivo; Movimento Artístico; Racismo.

ABSTRACT

This article seeks to expose the origin and impact of the Art Hoe collective from a sociocultural perspective that permeates racial studies, from the position occupied by black people in the field of fashion, to the usurpation of white people in relation to the movement's goals. Therefore, a semiotic analysis of still images was carried out, and for that, images of young people present within the movement were used, such as Jam Mars, one of the people responsible for its creation, in order to understand the real meanings adopted by the collective. and its role in building the contemporary fashion scene.

Keywords: Art Hoe; Fashion; Blackness; Collective; Artistic Movement; Racism.

INTRODUÇÃO

O coletivo denominado Art Hoe - originalmente idealizado por negros com o intuito de pregar o empoderamento e a ressignificação do negro na moda, desafiando estereótipos - surgiu em 2015 pelas mãos dos adolescentes Mars e Jam. Seu principal intuito era promover um espaço de vivência negra na arte, e hoje em dia, o coletivo abrange uma grande comunidade não-branca espalhada pelos continentes do mundo inteiro. Desde sua criação, o movimento cresceu e se

tornou de grande importância para a comunidade e para o cenário da moda contemporânea. No entanto, os princípios pelos quais o movimento foi criado, foram perdendo a força ao longo dos anos, e hoje o movimento é majoritariamente aderido e dissipado por jovens brancos espalhados pelo mundo.

De acordo com a revista Dazed (2015), Mars cita que “normalmente, há uma miríade de estereótipos relativos ao POC (person of color/pessoa de cor). Como o negro não pode ser delicado, como o latino só serve para limpar e ter uma boca esperta...”. Levando em consideração tal raciocínio, é possível compreender as razões que fazem do Art Hoe um movimento popularizado de forma tão abrangente pela comunidade não-negra. Apesar de ser um movimento novo, o Art Hoe já sofreu com apoderamento de grupos privilegiados em relação tanto a seus objetivos quanto à sua história.

Desse modo, o presente trabalho visa desenvolver uma pesquisa de caráter introdutório a respeito do movimento, com o intuito de compreender os conceitos agregados, assim como os processos de resignificação envolvidos do Art Hoe, percorrendo sua trajetória desde sua criação e adesão, até a atualidade. Por conseguinte, propúnhamos ainda, um debate em relação a representatividade de grupos marginalizados, a re-expressão de movimentos artísticos e tendências de moda, além da usurpação de pessoas brancas como protagonistas.

Para a construção do trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas para entender tanto como ocorrem os processos históricos e sociais do consumo simbólico da moda quanto a presença de pessoas negras nesse fenômeno. Ademais, foi realizado um estudo de caso acerca do movimento Art Hoe, com o intuito de compreender e apresentar esse novo movimento que resignifica também os processos da cultura de moda. Para isso, foram analisados os perfis de três importantes nomes do cenário atual do Art Hoe, com o intuito de identificar nesses perfis através da análise semiótica de imagens paradas elementos da cultura negra que regem o movimento e que se fazem presentes no cotidiano das pessoas que aderem ao Art Hoe.

1. RACISMO NA MODA

A moda e a negritude quase nunca andaram lado a lado, sendo sempre desenvolvida sob uma perspectiva racial, de acordo com as escritoras Pamela Staliano e Maria Carolina Ferreira dos Santos (2021).

A princípio a moda veio pela necessidade de cobrir o corpo, mas se difundiu a partir da expansão capitalista europeia e se tornou comercializável. Por ser centralizada na Europa, muito

da consolidação foi feita a partir de um único ponto de vista, enfatiza a comunicóloga Staliano (2005, s.p.). “A indústria da moda foi articulada desde os primórdios para atender a um ideal que vem protagonizando pessoas brancas, perpetuando, por sua vez, a consolidação de um padrão de cor e corpo, ou seja, uma “beleza europeia.” afirmam Pamela e Carolina (2021).

Para além do prólogo, a moda foi e ainda é muito usada para a manutenção e reprodução do racismo quando excluem e marginalizam corpos e indivíduos de minorias étnicas. Nesse sentido, na indústria da moda, segundo as autoras, há uma constante restrição de acesso de pessoas negras para oportunidades de trabalho e também a falta de incentivo de um cenário com diversidade e representação da negritude. Falamos para além de uma indústria, porque de acordo com as autoras Santos e Staliano:

[...] a moda abrange mais do que somente produção e comercialização de produtos, envolve a mídia, agências de propaganda, de modelos e consultorias, por meio do que consome e compartilha, a indústria da moda corrobora para a consolidação de ideias, desde o padrão de beleza até o padrão de consumo (SANTOS; STALIANO; 2021, p. 36).

A moda passou de necessidade para produto e produtor social, onde tudo influenciava a moda e a moda, as pessoas. Mas quem ela queria vestir? Já podemos dizer que não eram corpos negros. A falta de representatividade não foi unicamente culpa do mundo da moda, mas sim um reflexo do racismo nas sociedades.

Esse racismo (velado ou explícito) influenciou subjetivamente a pessoa negra, na autoestima e autoconceito, seja positivamente ou negativamente, expõem Pamela e Carolina (2021). De acordo com Santos e Staliano:

Pode se dizer que a presença ou ausência de representatividade produz subjetividade, sobre isso, Silva (2019) aponta que é mediante os processos de reformulação estético-política que as emoções ganham uma dimensão mais ampla, e assim, as dinâmicas de consumo irão atuar intensamente na composição e recomposição de formas de subjetividade (SANTOS; STALIANO, 2021, p. 37).

A criação da identidade, também segundo as autoras Santos e Staliano (2021), está entrelaçada com a moda, sendo um vínculo entre indivíduo e sociedade, pois a roupa comunica e expressa, ultrapassa a aparência, alcança valores culturais e se demonstra como unificadores de grupos. Para as autoras Pamela e Carolina (2021): “[...] a moda como um meio de comunicação e expressão, ressignificam seu processo de construção identitária e autoafirmação.

2. BELEZA NEGRA: UM ESPAÇO NA MODA E NA MÍDIA EM PROCESSO DE REIVINDICAÇÃO

A moda está em constante transformação, e de acordo com Souza (2017), é necessário compreendermos que ela tem um caráter efêmero e é movida por tendências. Ela é construída socialmente e tem um viés mercadológico, ou seja, foi feita para o sistema capitalista, nele “a moda tem a característica de propiciar uma finalidade que o indivíduo almeja alcançar”. Segundo Barnard:

Moda e indumentária podem também ser usadas para indicar ou definir os papéis sociais que as pessoas têm. Elas podem ser tomadas como sinais de que uma certa pessoa exerce um determinado papel e por essa razão espera-se dela que se comporte de uma maneira específica (BARNARD, 2003, p. 96).

Assim, o lugar do negro na moda sempre foi premeditado a partir da definição histórica e social da cor de sua pele. De acordo com Hall (1997, apud Souza, 2017, p. 30), “a atribuição de cor é a tentativa de situar um sujeito em um contexto social usando a aparência para posicioná-lo nas relações de poder como dominante, subalterno, igual ou diferente”, assim a população negra reproduziu diversas culturas oriundas de uma experiência compartilhada: a escravidão.

Desta forma, as marcas de grife e espaços midiáticos vão reafirmar a subversão da realidade social negra que se vive cotidianamente. Há vários paradigmas, e um deles apontado por Souza (2017) é o conceito que a população negra não tem poder aquisitivo, e assim são excluídos como grupo alvo, pela suposta falta do poder de compra. Então para o negro quebrar esse estigma, a moda foi e ainda é usada como uma ferramenta e afirmação de poder social. Conforme cita Souza:

O vestuário permite ao negro transitar por espaços sem um prévio julgamento sobre a sua conduta social, de ser chamado de bandido, por exemplo, mas não o livra de sofrer preconceito como ser considerado empregado de alguém quando está dirigindo o seu próprio carro de alto luxo. Ou, então, de que é segurança e não um advogado por estar trajando terno e gravata. O cuidado com a estética corporal pode representar uma tentativa de reverter uma imagem negativa construída socialmente (SOUZA, 2017, p. 31).

Além de excluídos do protagonismo, marginalizados por estigmas e julgados pela sua estética, a transição do negro no espaço midiático se tornou frágil, ao ponto que de poucas aparições traziam o mínimo de representatividade. Elaine Chagas de Souza (2017) explica a representatividade: “a identificação por ver uma pessoa de mesmo fenótipo e que é de uma

minoria em um comercial na televisão ou numa produção de teledramaturgia ou cinematográfica”.

O espaço que está sendo trabalhado constantemente e de forma árdua está se desenvolvendo cada vez mais. No entanto, a moda e a mídia interligadas precisam ser mais abertas quanto ao protagonismo negro, como direito de reivindicação antirracista.

3. A BRANQUITUDE DA ARTE E NA MODA: O ART HOE COMO ESPAÇO DE PROTAGONISMO DE CORPOS NÃO-BRANCOS

Para entender o que é o movimento e coletivo Art Hoe e sua importância nos dias atuais, é necessário olhar para trás e visualizar alguns dos momentos e movimentos artísticos de moda, e o papel do negro neles.

Podemos começar a entender a lacuna do protagonismo negro se pensarmos que a escravidão só acabou em muitos países colonizados durante os anos de 1800. Mas um dos principais momentos artísticos (e um dos primeiros) da idade Moderna foi o Renascimento, que se iniciou no século XIV, no mesmo período do início das colonizações de países europeus e conseqüentemente, a escravidão que durou os próximos 500 anos. Então começamos a ter uma noção do tamanho do apagamento, falta de visibilidade de corpos negros e não brancos no protagonismo de vários cenários modernos e contemporâneos.

Fazendo um recorte para a moda, e a importância do movimento nela, é necessário lembrar que ela não é só vestuário, como disseram as pesquisadoras Pamela e Carolina (2021), a moda colabora para o firmamento de ideias e padrões de beleza na sociedade, então se o corpo negro foi excluído da moda durante séculos, os padrões de beleza e de empoderamento das características e cultura negra, também foram invisibilizados por muito tempo.

A partir dessa premissa de lacunas de protagonismo, o movimento Art Hoe surgiu abordando o termo primeiramente usado pelo rapper Babeo Baggins, mas depois utilizado pelo artista, fotógrafo e blogueiro adolescente, que se identifica com gênero fluido, Jam Mars para a criação do movimento. De acordo com a revista Dazed (2015), Mars descreve o movimento “como uma oportunidade de mudar paradigmas e redefinir a negritude desafiando os estereótipos sobre as pessoas de cor.” De simples selfies postadas em seu tumblr⁵, o Art Hoe se expandiu para um grande movimento espalhado pelo mundo todo e abrangendo não só pessoas

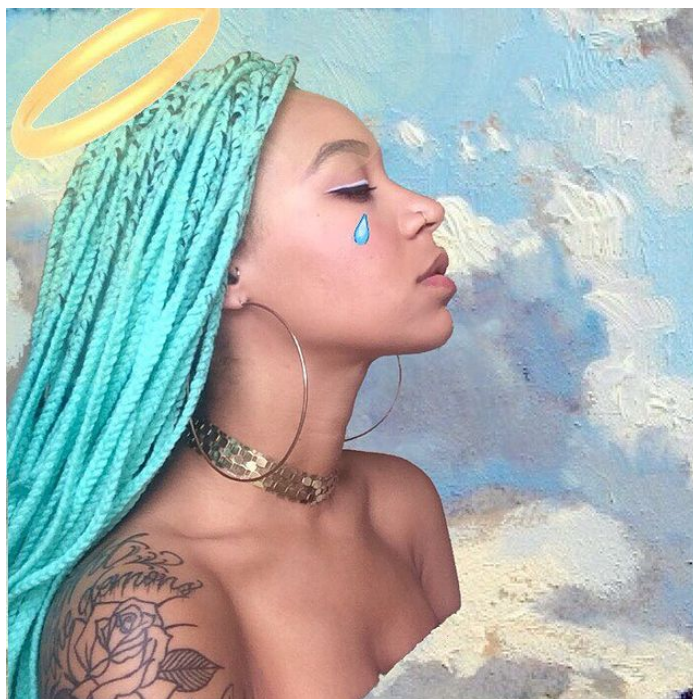
⁵ Rede social conhecida por ser mais alternativa.

negras mas todas as não-brancas. "Este não é um concurso de popularidade. Eu e uma miríade de outros não temos seguidores em massa", disse a curadora do Arthoecollective (instagram do coletivo Art Hoe) Sandra ao The Huffington Post por e-mail. "Temos uma compreensão pessoal de como é ser excluído ... e fizemos esse movimento para abrir espaço para isso."

A plataforma do Arthoecollective surgiu no instagram para também dar voz às expressões de pessoas negras e não-brancas marginalizadas do mundo da arte, moda e música, para que jovens marginalizados se expressem livremente. O movimento Art Hoe então, é não só um movimento político, mas estético. Usando declarações revolucionárias de aceitação da negritude e alteridade, ressignificando o que é arte e o que é belo, o que é tendência e o que é certo. Mars cita:

Honestamente, meus objetivos começam e terminam com representação e amor próprio/aceitação (...) Ver uma mulher negra trans deficiente se sobrepondo ao quadro de um homem branco dizendo 'Estou aqui, tenho valor, e minha existência e arte são importantes!' é tão radical e revolucionário (MARS to DAZED, 2015).

Figura 1



Fonte: Página do Arthoecollective no Instagram, 2015. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/6ltrF4jagl/?utm_source=ig_embed&ig_rid=4a476c7b-6359-4b2a-8636-fe159c46c652. Acesso em: 19 ago. 2021.

Desde sua criação, o movimento já obteve o apoio de outros pioneiros adolescentes, como Amandla Stenberg e Willow Smith, sendo estes uns dos principais nomes que somam ao

coletivo Art Hoe, levando principalmente em consideração o alcance e relevância que a jovem Willow possui atualmente. O art hoe já virou uma grande referência no mundo virtual, despertando cada vez mais o interesse dos jovens que buscam por representação, e está cada vez mais criando espaço no mundo físico também.

Figura 2



Fonte: Página do Arthoecollective no Instagram, 2015. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/6ndpiSDanR/?utm_source=ig_embed&ig_rid=c54388ad-0582-4a1a-9f20-35005ed94b75. Acesso em: 19 ago. 2021.

Em sua tese: “Entre o olhar e o ver: as (in)visibilidades do corpo feminino negro nas revistas de moda”, Bárbara Pavei Souza (2021) cita: “A história dos corpos negros não é contada apenas através de palavras, mas pela via das imagens, dos corpos, das memórias, das exclusões, das práticas, enfim, dos discursos.”. Com isso, essa nova história está sendo contada agora da melhor forma possível em uma época onde é extremamente necessário esse tipo de manifestação. O art hoe veio para ficar.

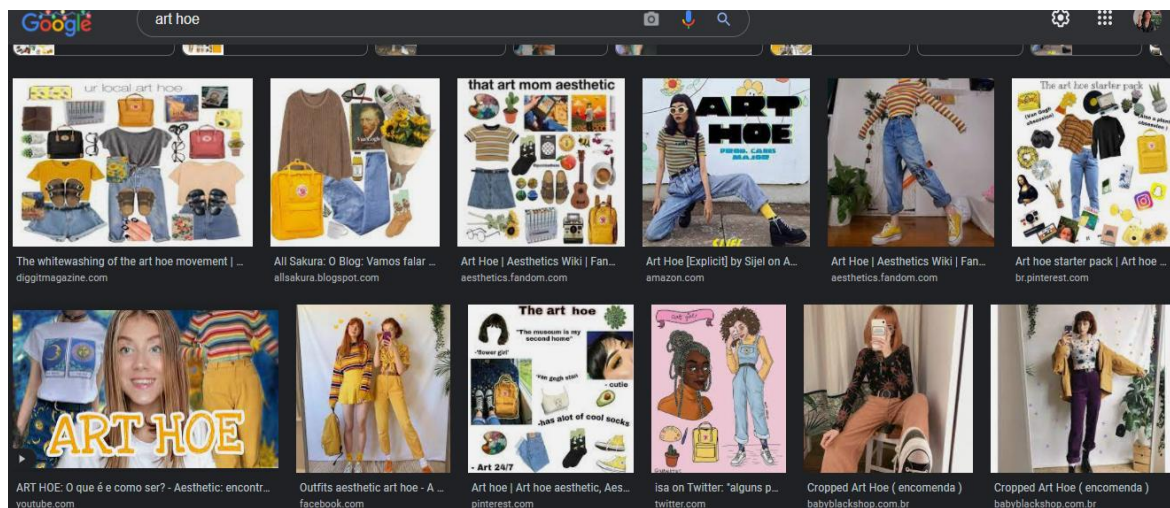
4. REIVINDICAÇÃO DO PROTAGONISMO NEGRO: O EMBRANQUECIMENTO DO MOVIMENTO ART HOE

O movimento Art hoe, como discutido anteriormente, é muito jovem porém já carrega uma importância vital para o desenvolvimento social contemporâneo. Entretanto, vamos

salientar um problema que infelizmente é acarretado em várias expressões culturais de origem não-branca: a usurpação no protagonismo e tentativa de embranquecimento.

Para exemplificar, mostraremos o que aparece ao pesquisar: “Movimento Art Hoe” no campo de pesquisa do Google:

Figura 3



Captura de Tela. Reprodução em 18 dez. 2021. Fonte:

https://www.google.com/search?q=art+hoe&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiMrpPJ0fD0AhWTJrkGHUyNC0cQ_AUoAXoECAIQAw&biw=1366&bih=625&dpr=1

Esse cenário onde as fotos principais são de pessoas brancas se repetem em outros meios de pesquisa e redes sociais, tais como Pinterest, Tumblr, Bing, Yahoo, entre outros. Por mais que hoje em dia há quem diga que o racismo não existe, ainda temos que reafirmar: ele foi indigesto. Para Bahia:

A cultura negra seguiu preterida, indigesta. O discurso sobre a mestiçagem fracassou ao tentar inserir a cultura africana nos alicerces da construção identitária brasileira. Por detrás de todo o racismo que foi segregando a cultura nacional, imperou um discurso mascarado pela tolerância; uma realidade falseada (BAHIA, 2018, p. 45).

Assim, um espaço reverberante para protagonismos não-brancos aparenta ser um compilado de imagens pinturas de Van Gogh, Monet, as cores amarelo e azul e muita superficialidade (para aqueles onde o primeiro contato vem de pesquisas gerais em mídias maiores). Por esse ângulo de visualização do desenrolar dos eventos em volta do movimento Art Hoe e sua rápida usurpação do protagonismo na grande mídia, é assertivo afirmar que isso nada mais é que uma ação do racismo em forma de embranquecimento.

Durante muito tempo o negro teve que “embranquecer” sua cultura para ser aceito, pois era “mais bonito”, “mais aceitável”. Ainda conforme Bahia:

O sistema colonial numa foi equânime. Uma vez livres da escravidão, os negros continuaram marginalizados, culturalmente apagados. Ou passavam por um processo de embranquecimento cultural ou desapareciam de vez. Apenas o negro que repetisse as tradições do colonizador encontraria um espaço na sociedade; um espaço mínimo dentro do qual jamais haveria uma equiparação ao branco. Prevalencia, pois, a inferioridade do colonizado; o combustível etnocêntrico necessário para fazer com que os próprios negros cressem que nunca possuíram uma cultura ou história (BAHIA, 2018, p. 46).

Mesmo com todas as negativas indo contra o movimento e tentativas de invisibilizá-lo, o Coletivo Art Hoe continua crescendo e adquirindo mais adeptos, onde a aceitação e voz de pessoas não-brancas é estimulada, suas artes e todas as formas de expressão são encorajadas e divulgadas.

5. ANÁLISE SEMIÓTICA DE IMAGENS

Ao propormos uma análise semiótica das imagens presentes nos perfis de jovens que aderem ao Movimento Art Hoe, é possível observar elementos que perpassam por toda a história do coletivo, desde sua construção até seus processos de fixação. Sendo possível observar o papel do movimento em si, papel esse de resgatar não só a posição do negro na arte e na moda, como também o empoderamento de corpos negros como formas não só de exploração e sexualização, mas como forma de arte e em posição de visibilidade.

Portanto, compreendemos que na construção de significados presentes nos perfis daqueles que aderem ao Art Hoe, há uma preocupação em levar as reais intenções por trás do coletivo, desde a escolha da peças de vestuário para as fotos, até as poses utilizadas, que fazem referência aos desejos de mostrar muitas vezes, feminilidade, empoderamento e delicadeza.

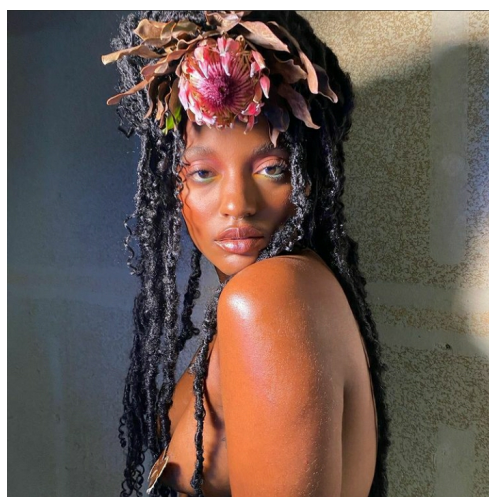
Para a construção da análise, utilizaremos a metodologia proposta por Gemma Penn (2008), para a realização de uma análise semiótica de imagens paradas, baseada em três níveis propostos por Barthes: denotativo, conotativo e mítico. No entanto, para a realização do presente trabalho trataremos apenas dos níveis denotativo e conotativo.

Para uma melhor compreensão da análise a seguir, é necessário entender: no primeiro nível, o denotativo, o leitor necessita apenas de conhecimentos linguísticos e antropológicos, pois trata-se de um nível descritivo, no qual a imagem é dissecada em suas diversas formas e movimentos. Já no segundo nível, o conotativo, o leitor necessita de conhecimentos culturais,

pois nesse nível é feita uma interpretação baseada nos efeitos de sentido, nas associações que são trazidas à mente após a observação dos elementos do nível anterior.

O material escolhido para análise foi retirado de diferentes perfis relevantes para o movimento, como o perfil da jovem Gabrielle, da atriz Medgine e da própria Jam Mars, uma das pessoas responsáveis pela criação do Movimento no Instagram. As imagens que foram escolhidas representam aspectos e características pregadas pelo coletivo, como a valorização do corpo negro, e o resgate de sua posição na arte e na moda.

Figura 4



Fonte: Página da @fridacashflow no Instagram, 2020. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CH6keOuJVID/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 18 ago. 2021.

5.1.1 NÍVEL DENOTATIVO

Gabrielle, jovem adulta, de pele retinta, na foto iluminada pela luz do sol, usa um adereço de cabelo composto por uma flor em tons de rosa, e folhas secas com coloração marrom, cabelos pretos arrumados em um penteado semi-presos com dreads soltos percorrendo pelos ombros e seios. Usa um top que cobre apenas os mamilos com formato de borboleta em tons de marrom e dourado. A maquiagem dos olhos possui um degradê de cores em tons de rosa, laranja e verde, na pele ela usa um blush marcado com tom alaranjado e nos lábios um gloss de tom rosa queimado. O semblante é sério, com olhar sexy direcionado por cima dos ombros para a câmera.

5.1.2 NÍVEL CONOTATIVO

Na imagem, Gabrielle usa de elementos florais e de composição de luz e sombra para passar uma imagem romântica remetendo a um quadro. Ela se pôs como protagonista de uma peça artística, em um lugar de musa inspiradora. Ela mostra ainda como o corpo negro também está conectado com a feminilidade e fragilidade, pela escolha do look, e pela escolha dos tons de sombra, blush e batom. A posição e o semblante do seu rosto remetem ainda à força, com um toque de sensualidade e empoderamento feminino. Características e comportamentos que o Art Hoe busca fixar.

Figura 5



Fonte: Página da @medgiine no Instagram, 2021. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CKnE5G2Fbf2/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 18 ago, 2021.

5.2.1 NÍVEL DENOTATIVO

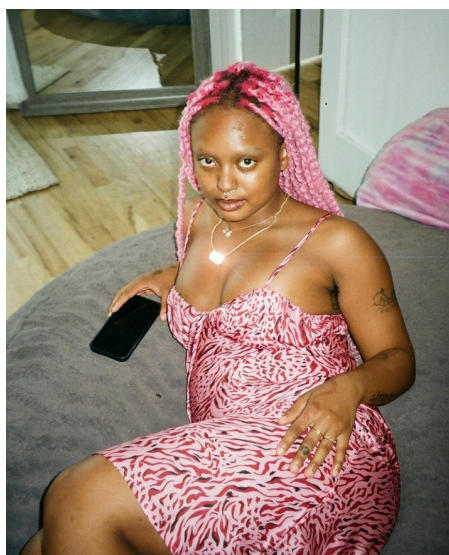
Medgine, jovem adulta, de pele retinta, na foto posa em cima de um carro azul estacionado ao lado de um arbusto verde. Usa peruca loira com tom levemente rosado, lisa e com corte chanel. Usa uma blusa de mangas longas em tom amarelo mostarda com estampas diversas, como flores vermelhas, brancas e azuis. A maquiagem dos olhos possui um delineado

preto e glitter prateado no canto interno dos olhos, nos lábios ela usa gloss transparente. O semblante é sério, com olhar sexy direcionado para a câmera, os braços estão postos um por cima do outro, ambos por cima do carro.

5.2.2 NÍVEL CONOTATIVO

Na imagem, a Medgine foi fotografada por Jam Mars, uma das pessoas responsáveis pelo início do movimento no Instagram. Medgine passa uma sensação de que foi colocada na posição de "housewife" pela composição utilizada na foto. Explorando também a delicadeza e alegria remetida pelo padrão da roupa e das cores presentes na foto. O olhar apesar de sério, conota à sensualidade feminina e o lugar de empoderamento que os corpos negros pretendem atingir através do movimento.

Figura 6



Fonte: Página da @marsinterlude no Instagram, 2021. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CQ6k2iPrCTT/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 18 ago. 2021.

5.3.1 NÍVEL DENOTATIVO

Jam Mars, adulta, de pele retinta, usa tranças box braids em tom de rosa claro por todo o comprimento e escuro apenas na raiz. Usa um vestido com padronagem de estampa animal print em diferentes tons de rosa. Usa ainda acessórios dourados, como colares e anéis e está deitada sob algo como um puff em formato redondo e de cor cinza. Um dos braços está apoiado em sua perna e outro segura seu celular posicionado em cima do puff. A pele do rosto não

possui nenhuma maquiagem e o semblante é sério, com olhar direcionado para a lente da câmera.

5.3.2 NÍVEL CONOTATIVO

Na imagem, Mars se mostra confortável em seu próprio corpo e estilo. Ao usar uma peça de roupa dita muitas vezes, para “corpos magros”, Mars abusa da feminilidade que a peça traz principalmente por ser do tom rosa, independentemente do seu formato de corpo. O recorte e o caimento do vestido também mostram a confiança que ela sente em ser ela mesma, e o empoderamento que a foto representa para si e para a união e força do coletivo. O olhar demonstra poder e autoconfiança, assim como a representatividade de corpos negros no cenário da moda que o movimento tanto busca atingir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises e discussões acerca do tema Art Hoe, se torna evidente tamanha importância de um movimento tão inclusivo na atualidade, abrangendo não só a comunidade negra mas também LGBTQIA+, não-branca e periférica. No presente trabalho, é exposta a forma como desde o princípio a moda e a negritude nunca andaram alinhadas, seja em relação a discrepância de oportunidades, a ocupação nos espaços ou a aceitação da sociedade. Artistas relevantes como Jam Mars, Gabrielle e Medgine são abordadas nesta peça para exemplificar essas novas mudanças de visão artística, cenários, corpos e empoderamento, mostrando atualmente como a passagem do negro, lgbtqi+ ou da periferia para o espaço midiático está se tornando mais decisiva nas pautas de expressão da cultura e reafirmação identitária.

Os pontos definidos a partir da exploração da lacuna do corpo negro na moda até a representatividade em meios digitais nos dias de hoje, nos trazem um acervo inicial de extrema relevância para pesquisas futuras mais aprofundadas. O caráter introdutório deste artigo deixa espaço para alguns questionamentos, pois sendo um tema recente, há de se retornar posteriormente para uma análise mais aperfeiçoada, juntamente a uma entrevista para a coleta de dados e melhor interpretação dos conceitos e objetivos envolvidos do movimento. Um ponto interessante a ser seguido é sobre a usurpação no protagonismo do movimento e tentativa de embranquecimento do mesmo, que é rapidamente abordada no artigo, porém a raiz deste problema merece uma análise mais aprofundada, além dos sintomas atuais que esse tipo de fraude pode acarretar em um movimento como este.

Sendo assim, este artigo traz à tona, a partir de pesquisas bibliográficas e análises semióticas, a relevância trazida pelo Movimento Art Hoe, que abre portas para muito mais que a moda na área de tendências ou estética, mas também para a moda como papel social de visibilidade, reconhecimento de grupos marginalizados e o empoderamento de diferentes tipos de corpos e gêneros.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Charles Nunes. **Apropriação cultural antropofágica e as máscaras brancas do racismo indigesto**. Complexitas - Rev. Fil. Tem., Belém, PA, 2019.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Summus, 2003.
- BAUER, M.W. & GASKELL, G. (org.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- SILVA, G. M. D. **Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 173-201, 2019.
- SISLEY, Dominique. **What the hell is an “art hoe”?**. Dazed Digital. 18 de ago. de 2015. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/25862/1/the-new-art-movement-empowering-poc>. Acesso em: 16 de dez. de 2021.
- SOUZA, Bárbara Pavei. **Entre o olhar e o ver: as (in)visibilidades do corpo feminino negro nas revistas de moda**. 136f. Tese Doutorado (Pós graduação em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2021.
- SOUZA, Elaine Chagas de. **O desafio da beleza negra no mundo da moda**. 2017, 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense, Coordenação de Ciências Sociais, 2017.
- STALIANO, Pamela; SANTOS, M. Carolina F. **Do racismo velado à moda antirracista: uma abordagem psicossocial sobre moda e negritude**. In: ROCHA, Wesley H. A. da (org.). Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios. 1. ed. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021.
- STEFANI, P. S. **Moda e Comunicação: a indumentária como forma de expressão**. 2005, 90f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2005.

Data de recebimento: 08/12/2021

Data de aceite: 13/02/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>